



## **A IMPORTÂNCIA DAS PRIMEIRAS TIPOGRAFIAS NO BRASIL PARA A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO SOCIAL<sup>1</sup>**

**Ismael Farias \***

**Débora Vilar Melo \*\***

**Hector Oliveira \*\*\***

**Vibio Silva\*\*\*\***

### **Resumo**

Pretende-se apresentar um panorama político e social de como se desenvolveu a história da comunicação, no Brasil com foco a partir da introdução da tipografia e dos jornais. Informa sobre a história da inauguração da imprensa no Brasil, como se deu a sua implantação e seu desenvolvimento, a partir, do 1º Império. Descreve os fatores socioculturais e econômicos da infiltração e desenvolvimento da tipografia; as formas de controle administrativo e a censura na implantação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, quais as pessoas que compunham esse setor responsável, nomeados por D. João VI. Comunica que a primeira tipografia particular foi instalada em Salvador por Manoel Antônio da Silva Serva; conta uma parte de sua biografia. Relata que com a implantação da Imprensa Régia, surge o primeiro periódico; comenta sobre sua periodicidade e as outras publicações que lhe seguiram. Relata o surgimento e formação dos espaços de leitura no país; contando um pouco da história do periodismo, até o final do século XIX. Através de uma pesquisa bibliográfica na literatura da História do Livro, conclui-se que foi de extrema relevância, o pioneirismo de Hipólito da Costa, Manuel da Silva Serva, e D. João VI, na história da imprensa no Brasil; contribuindo para a construção da memória social do Brasil.

**Palavras-Chave:** Memória – patrimônio social; Brasil – Tipografia; História dos periódicos – Brasil.

---

<sup>1</sup>Comunicação Oral apresentada ao GT 2 Memória e patrimônio cultural.

\* Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Graduando em Biblioteconomia. [ismaelpod@hotmail.com](mailto:ismaelpod@hotmail.com).

\*\*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Graduando em Biblioteconomia. [debora.vilar@yahoo.com.br](mailto:debora.vilar@yahoo.com.br). \*\*\*

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Graduando em Biblioteconomia. [hrboliveira@hotmail.com](mailto:hrboliveira@hotmail.com). \*\*\*\*

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Graduando em Biblioteconomia. [vibioms@hotmail.com](mailto:vibioms@hotmail.com).



## **1 INTRODUÇÃO**

Considera-se, a história da implantação da tipografia no Brasil como um marco para a memória social. Sendo assim, a tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva e a Imprensa Régia são um patrimônio cultural. O objetivo da pesquisa é ressaltar a importância da tipografia como memória cultural do país, e apresentar como ocorreu seu processo de implantação. Como embasamento teórico procurou-se, compartilhar a tese de que o atraso da instalação de prelos no Brasil ocorreu devido a fatores sociais. Procura-se apresentar um panorama geral da introdução da tipografia no Brasil oitocentista, e advogar a importância do periódico de Manuel Antônio da Silva Serva, para a história da imprensa brasileira, e destacar como patrimônio documental a Gazeta do Rio de Janeiro e o Correio Braziliense. Como fatores sociais debruçou-se na análise da censura e dos espaços de leitura. E através das abordagens mencionadas procurou-se, refletir sobre como era o periodismo no Brasil oitocentista. Considera-se, que apesar das amplas teorias que existem sobre como ocorreu o processo de instalação da tipografia no Brasil, ainda sim é possível oferecer um panorama da história de implantação. Em se tratando de memória cultural, podemos considerar também como memória cultural a história da memória documental, que está alicerçada. Conclui-se, que os primeiros prelos são um patrimônio cultural, e fazem parte da memória social e documental do Brasil.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Como base, buscou-se compartilhar a tese que o atraso da instalação dos prelos aqui no Brasil, ocorreu devido a fatores sociais. Portanto, como fundamentação teórica buscou-se em Melo (1973) um embasamento, pois retrata a história da implantação da tipografia no Brasil oitocentista sobre a perspectiva social. Romancini (2007) Advoga, sobre as políticas de letramento, espaços de leitura, analfabetismo, e censura. Entretanto, segundo Melo (1973) e Romancini (2007) e é a visão que se pretende compartilhar é que o atraso da instalação e consolidação da tipografia no Brasil se deu por fatores sociais, e ausência de uma política

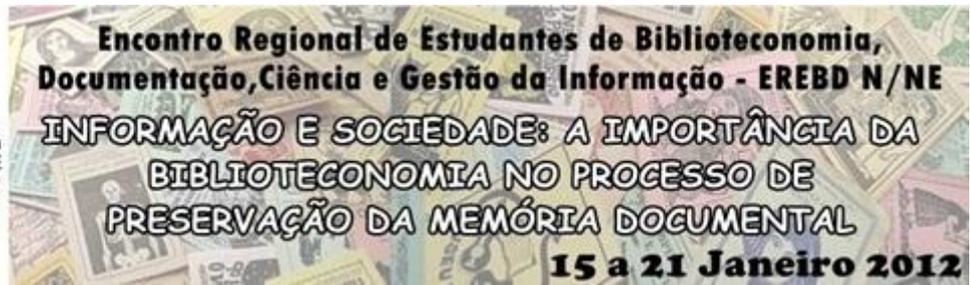


centralizada na educação e imersão na cultura letrada. Como fatores sociais predominantes debruçaram-se na análise dos espaços de leitura e censura que são analisados segundo Lajolo (2002) e Moraes (1979); Sobre a história da primeira tipografia particular, os estudos de Ipanema (1977) e Silva (2010) pois são referências pelo riqueza de informações, e dados biográficos de Manuel Antônio da Silva Serva; sendo utilizados como embasamento teórico. Conclui-se que pelo fato do Brasil ser colônia não seria necessário, a instalação de uma casa impressora. Pois, na condição de colônia no Brasil oitocentista havia grande concentração de analfabetos, ausência de cidades estruturadas, escolas, universidades e bibliotecas. Portugal não considerava vantagem oferecer ao Brasil educação, e democratizar a informação, pois poderia ser uma ameaça aos seus poderes como metrópole. E mesmo depois da instalação da imprensa, ocorreu com restrições e censura. Entretanto, esses fatores que fazem da história da tipografia um marco, para a memória social do Brasil. Pois, a partir da instalação dos prelos no Brasil, se tem o início a produção dos periódicos, que constitui - se um patrimônio social de uma nação.

### **3 METODOLOGIA**

Através, de uma pesquisa bibliográfica na literatura da história do livro, e da tipografia no Brasil, pôde-se constituir a pesquisa. Que têm como objetivo ressaltar a importância da memória tipográfica brasileira e comunicação através da introdução dos periódicos. Os documentos analisados foram selecionados, de maneira que possam refletir a história do Brasil joanino antes, durante e depois da instalação da imprensa. Foi, feita uma análise, para oferecer apenas o que traria um consenso, a fim de apresentar um panorama de como ocorreu a instalação da casa impressora no Brasil oitocentista. A análise dos dados ocorreu baseado de acordo com a fundamentação teórica. Portanto, a metodologia aplicada, foi de coleta e análise, sendo a primeira realizada na literatura de história do livro e da tipografia no Brasil, e a segunda usando como base a fundamentação teórica e selecionada apenas as informações compatíveis.

### **4 IMPLANTAÇÃO DA TIPOGRAFIA NO BRASIL**



A implantação da imprensa no Brasil ocorreu de forma gradual. Oficialmente teve sua implantação, atribuída após a chegada da Corte Real na cidade do Rio de Janeiro em 1808 (MELO, 1973). Vejamos a seguir outros tipos de iniciativas, antecedentes da Imprensa Régia e não bem sucedidas, pois logo foram obrigadas a encerrar seus prelos.

Segundo Moraes (2005) em 1747, Isidoro da Fonseca instalou no Rio de Janeiro uma tipografia, a qual chamou de *segunda oficina*, segunda, porque possuía a primeira em Portugal, Isidoro era um famoso impressor em Lisboa, onde publicou muitas obras de autores conhecidos. Moraes continua e aponta que as primeiras obras publicadas em sua segunda oficina, já aqui no Brasil foram: *I tomo da Bibliotheca Lusitana*, as *Memórias Históricas e Genealógicas dos Grandes de Portugal*, os *Séculos da Religião*, *Vida de D. João de Castro*, *Notícias de Portugal*, e as obras de *Duarte Ribeiro de Macedo*.

Outro fato que é importante destacar, que em 1808 os holandeses localizados em Pernambuco instalaram uma tipografia, mas após o conhecimento de Portugal foi confiscada. (ROMANCINI, 2007).

O atraso da implantação da tipografia no Brasil se deve a fatores socioculturais e econômicos, como o Brasil era colônia, Portugal julgava que não havia necessidade de uma oficina tipográfica, nenhum fator administrativo, ou de dominação cultural justificava ser necessário a implantação para a metrópole, pois a população era predominantemente analfabeta, havia ausência de cidades estruturadas, e ausência de atividades comerciais e industriais, além do mais a implantação da tipografia poderia causar idéias revolucionárias na população. Romancini analisa 7 aspectos sociais: 1. Natureza feitorial da colonização, 2. O atraso das populações indígenas, 3. A predominância do analfabetismo, 4. A ausência de urbanização, 5. A precariedade de burocracia estatal, 6. Incipiência das atividades comerciais e industriais, 7. Reflexo da censura e do obscurantismo metropolitanos. (2007, p.19-21). É através dessa tese que se pretende compartilhar, e confirmar as questões do atraso. (ROMANCINI, 2007)

Só após a instalação da corte portuguesa aqui no Brasil, Portugal sentiu necessidade de uma tipografia para fins administrativos a princípio. Como relata Bragança e Abreu (2010, p. 42) em “13 de maio de 1808, Dom João oficializava a instalação de uma casa impressora



destinada a publicar os papéis oficiais do governo e ‘todos e quaisquer outras obras’”. Para a instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro D. João dividiu os seus responsáveis em administrativos e censores. Sendo o primeiro composto por: José Bernardo de Castro, Mariano José Pereira da Fonseca e José da Silva Lisboa, os censores: Antônio Arrábida, Luís José de Carvalho e Melo padre João Manzoni e José da Silva Lisboa, estes eram subordinados ao Desembargo do Paço, nada contra a religião, ao governo, ou a moral poderia ser impresso. Quanto ao editor da Imprensa Régia estudos apontam para Paulo Augusto Martin como o pioneiro. (BRAGANÇA; ABREU, 2010).

#### 4.1 MANUEL ANTÔNIO DA SILVA SERVA

A primeira tipografia particular no Brasil foi implantada na cidade de Salvador, por Manuel Antônio da Silva Serva.

Serva nasceu em Portugal na cidade de Vila Real em 1761, comerciante estabelecido em Lisboa, mudou-se para a Bahia em 1797 e abriu uma loja na rua São Pedro, nº 17, onde vendia “lustres para sala, de diferentes qualidades, encerados e alcatifas de muito bons gostos, e vidros da Boêmia de diversos tamanhos, sacros de todas qualidades, móveis e livros.” (MORAES, 1979, p. 131).

Em 1810 foi nomeado administrador geral da Real Fábrica de cartas de jogar. Em 1809 Silva Serva esteve em Portugal e na Inglaterra, onde acredita-se que nessa viagem tenha adquirido o material e contratado o pessoal para a fundação de uma tipografia. Em 18 de dezembro de 1810 pede ao recém – empossado capitão general, conde dos Arcos, sua intervenção junto ao governo do Rio de Janeiro no sentido de instalar sua oficina tipográfica. (SILVA, 1978)

Silva Serva chegou a Bahia entre 27 e 29 anos, faleceu no Rio de Janeiro e permaneceu na Bahia por 28 a 32 anos. (IPANEMA, 1977)

Em 5 de fevereiro de 1811, chega ao governador da Bahia, a autorização para o estabelecimento do prelo de Silva Serva. O periódico da oficina da Bahia era o Idade d’ Ouro do Brasil, que teve como revisor nomeado José Francisco Cardoso, circulava duas vezes por



semana, como nem sempre as informações eram abundantes ora, era mais literário, ora mais histórico. Ainda Silva analisa que:

Embora uma das normas estabelecidas pelo conde dos Arcos para a redação da gazeta baiana prescrevesse que as notícias políticas deviam ser sempre dadas ‘da maneira mais singela’, anunciando os fatos sem interpor quaisquer comentários tendentes a ‘dar qualquer inflexão à opinião pública’, o redator não a seguia à risca e, ao enunciado do fato, segue-se muitas vezes um juízo de valor (1978, p. 35-36).

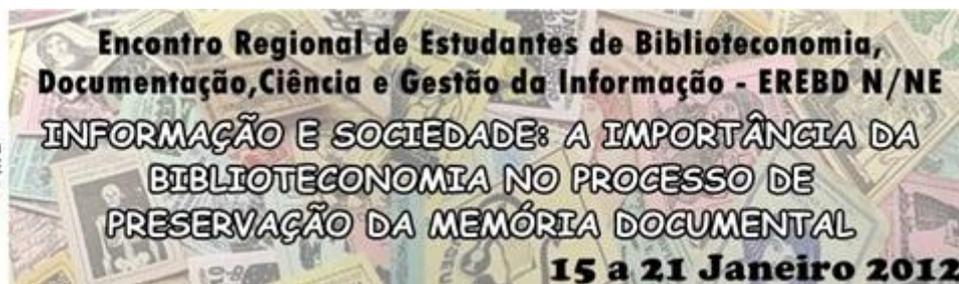
A principal fonte de informação da Idade d’ Ouro era a imprensa estrangeira, para notícias da Bahia e do Brasil a principal fonte era os documentos oficiais, e para notícias não oficiais a principal fonte era o leitor. A Idade d’ Ouro foi um marco na imprensa brasileira, e pode-se considerar um avanço para a época, devido ao controle de Portugal, a falta de cidades estruturadas, a população predominante analfabeta, e carência de espaços de leitura. (SILVA, 1978).

## 5 GAZETA DO RIO DE JANEIRO

Após a instalação da imprensa Régia no Rio de Janeiro, em 10 de setembro de 1808, circula o primeiro número do periódico *Gazeta do Rio de Janeiro* com publicação, no começo semanal, e posteriormente três vezes por semana. Por causa da grande aceitação, alterou-se o nome para *Gazeta*, com a proclamação da Independência mudou novamente de nome para *Diário da Imprensa*. Considerado o primeiro periódico nacional. (MELO, 1973).

A *Gazeta do Rio de Janeiro* não tinha um cunho crítico e apenas informava ações do governo. Campello advoga que: “apesar de sua proposta informativa e um certo formato jornalístico, a publicação era um serviço noticioso produzido e controlado por representantes da Coroa Portuguesa no país, que continua não oferecendo qualquer possibilidade de difusão da imprensa na colônia” (2008, p. 74).

Portanto, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, era considerada uma publicação periódica de chapa branca, por não fazer oposição a Corte. Este periódico é considerado, o pioneiro da imprensa no Brasil. Sendo então de suma importância para a história da comunicação no Brasil.



## **6 CORREIO BRAZILIENSE**

Entre junho de 1808 e dezembro de 1822, circulava o Correio Braziliense periódico de Hipólito José da Costa, considerado por muitos o primeiro jornal brasileiro. (MELLO, 2009) O Correio era impresso em Londres, e circulava livremente em Portugal e no Brasil, tinha um cunho crítico, propagava a independência e visava transmitir ideologias revolucionárias, no correio discorria-se de vários assuntos sendo até comparado com uma revista. (MELLO, 2009).

Apesar do jornal de Hipólito José da Costa, não ser considerado de oposição, exercia grande influencia visto que todos liam até D. João VI, não se sabe ao certo, mas alguns autores afirmam que a Corte Portuguesa pagava ao Correio uma mensalidade para amenizar nas críticas. Após, a independência encerra-se a publicação do Correio no Brasil. Analisa Mello (2009) que a publicação do jornal foi encerrada por Hipólito porque já não fazia sentido editar um jornal no exterior, como o país agora se tornou independente, um novo contexto se desenvolveria para a liberdade de imprensa e proliferação de inúmeros periódicos locais.

O Correio é denominado como primeiro periódico da imprensa brasileira para alguns historiadores. A diferença entre o Correio e a Gazeta seria que a Gazeta foi primeiro periódico a circular no Brasil, mas por ser um jornal da Corte não é considerado como o pioneiro da imprensa brasileira. Portanto, o Correio Braziliense foi de suma importância para construção de uma sociedade mais crítica, tanto foi que até mesmo a Corte Portuguesa costumava lê-lo. E são essas características que fazem do Correio uns dos jornais de destaque para a história da imprensa no Brasil, e conseqüentemente parte da história do patrimônio cultural do Brasil, na construção da memória documental periódica. (MELLO, 2009).

## **7 CENSURA**

Como forma de controlar o conteúdo impresso foi criada a censura. Funcionava em Portugal e era, desprovida de critérios e regras claras. A censura no Brasil colonial era



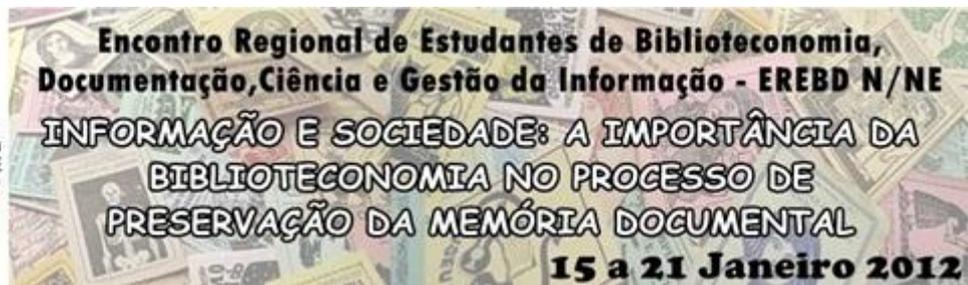
constituída de três poderes independentes: Santo Ofício, Ordinário e Desembargo do Paço. A censura fora criada para defender a Moral, a religião e o Estado. Portanto, um documento só poderia ser impresso se possuí-se as três autorizações. As autorizações do Santo Ofício, e Ordinário são de caráter religioso, e do Desembargo do Paço de caráter civil. (MORAES, 1979).

Em 1768 Pombal instituiu uma lei para unificação dos três poderes, e criou a Real Mesa Censória, esta era constituída de eclesiásticos, funcionários leigos, e outros censores nomeados pelo Rei. Em 1787 a rainha D. Maria I criou a Comissão Geral para o Exame e a Censura dos livros. Somente em 4 de julho de 1821 D. João VI aboliu a censura. Outro cunho da censura era de privar o povo de conhecimento. Não era interessante para Portugal que a população tomasse conhecimento das revoluções e independências que vinham acontecendo, pois poderia alimentar a ideia de independência. É possível observar também que através desse fato social, ocasionou numa contribuição a uma demora de adaptação do Brasil a cultura letrada devido, as restrições de leitura. (MELO, 1973).

## **8 ESPAÇOS DE LEITURA**

A autorização lusitana de liberar os prelos tipográficos no Brasil foi uma medida sem instrumentos pontuais, faltava uma política educacional para que a população se inseri-se na cultura letrada . Aos poucos, através do comércio, os brasileiros começaram a se familiarizar com os periódicos e os livros, entretanto ainda assim ocorre um período de grande ausência de escolas, bibliotecas, gabinetes de leitura, livrarias, e editoras. Uma das primeiras iniciativas para espaço de leitura foi a criação por Almanack Laemmert em 1853 da Sociedade Jovial Literária, em 1837 o Real Gabinete Português de Leitura, em 1821 a fundação da Sociedade Germânica e 1826 o Gabinete de leitura inglês Bristish Subscripton, em 1859 o Retiro Literário Português (LAJOLO, 2002).

Lajolo advoga que: “avanço tanto mais notável quanto mais recente era a inauguração da imprensa, que permaneceu por muito tempo ociosa ou subutilizada, dada a inexistência de qualquer projeto de secundá-la com as providências complementares para a formação de



leitores.” (2002, p. 121).

Portanto, conclui-se que por muito tempo o Brasil teve ausência de espaços de leitura, e a decisão de liberação de oficinas tipográficas, deveria ter sido acompanhada de políticas pontuais para o letramento. Este fato social foi um dos principais para o atraso do Brasil na imersão de uma cultura letrada. E contribuiu para o atraso da implantação da tipografia, pois, como havia poucos espaços de leitura por causa da população predominante ser analfabeta. Considera-se um erro a instalação de uma casa impressora, sem uma política de letramento. Embora, como a maior intenção de Portugal era limitar o conhecimento não era interessante tais atitudes. Porém a situação do Brasil encontrava-se crítica, sendo bastante necessária a imersão a cultura letrada. Lajolo (2002) afirma que:

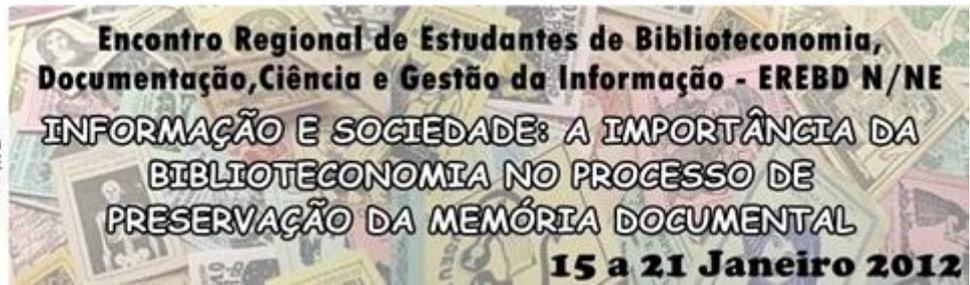
Associações, clubes, gabinetes de leitura e similares não são iniciativas isoladas. Integram, no seu conjunto, o movimento em direção a uma cultura letrada, que precisava tanto viabilizar-se, quanto visibilizar-se. Por isso, sociedades, institutos e bibliotecas constituem uma rede; e é seu traçado, no qual se repetem nomes e redudam objetivos, que fortalece leitura e escrita enquanto práticas sociais.

Porém, essa atitude partiu de particulares, com a intenção de suplantando espaços de leitura. Como vem sendo desenvolvido até aqui, o analfabetismo no Brasil foi um fato social que trouxe bastante dificuldade na instalação de uma tipografia, por questões óbvias acreditava-se que haveria pouco público para ler os jornais.

## **9 O PERIODISMO NO BRASIL**

A evolução da imprensa periódica, igualmente a implantação da tipografia ocorre de forma gradual. Os jornais podemos dividir em duas épocas: antes e depois da república, antes pregavam a independência e depois o progresso, os diários que surgiram na república disseminavam com neutralidade. Até o final do século XIX foi se modernizando com a introdução de empresas jornalísticas, a criação do editorial, a ilustração e a fotografia. (CARVALHO, 1996).

Até 1954, circulava no Brasil periódicos de: caráter noticioso, ciências sociais, religião, ciências aplicadas, belas artes, literatura, história e geografia, ciências e filosofia.



Segundo Martins (1996, p. 321) “... circulavam no Brasil, até 31/12/1954, 2961 periódicos”. O autor também ressalta que São Paulo foi a cidade onde mais circulou periódicos e livros nesse período.

Silva (2010) ressalta a importância no Brasil oitocentista os Almanques, jornais literários e periódicos que divulgavam o saber político. O primeiro almanaque circulou entre 1811, 1816 e 1817 elaborado por Alexandre José Curado de Figueiredo e Albuquerque (SILVA, 2010).

Os almanques limitava - se a informar sobre o que acontecia nas repartições públicas, e tiveram pouca popularidade. Silva (2010) informa que:

O pouco sucesso desse tipo de publicação periódica no Brasil pode talvez explicar-se pelo fato de o almanaque lisboeta conter várias páginas sobre a Corte no Rio de Janeiro e ser importado pelos livreiros das duas cidades, o que certamente contribuía para diminuir o número de compradores dos almanques locais.

Em 1811 se têm notícia do primeiro jornal literário circulando no Brasil, chamado de *As Variedades, ou Ensaio Periódicos de Literatura* circulava na Bahia e tinham como intenção transmitir conhecimento através das ciências morais, e contava com a ajuda do povo. Por sua pequena aceitação limitou-se a circular 3 números. No Rio de Janeiro o jornal literário que circulava era *O Patriota*, dicorria de assuntos variados e teve grande aceitação. “Polêmica à parte, *O Patriota* foi um jornal literário muito mais sólido do que *As Variedades* baianas” (SILVA, 2010).

Os jornais que divulgavam o saber científico tinham como cunho esclarecer as questões políticas, e sociais, fomentar a Constituição e a independência. Os mais conhecidos são: *Seminário Cívico, O Bem da Ordem, O Amigo do Rei e da Nação e o Conciliador do Reino Unido*. De acordo com Silva (2010) a liberdade da imprensa, como a se tem idealizado hoje se obteve através desses periódicos.

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as divergências ideológicas, ainda sim é possível oferecer um parâmetro



de como ocorreu a implantação da tipografia no Brasil. Podemos ressaltar as iniciativas de Hipólito da Costa, Manuel da Silva Serva, e D. João VI, e a importância de seus respectivos periódicos. Ratificamos que o principal motivo para o atraso da instalação e consolidação da imprensa e tipografia foram fatores socioculturais e econômicos. Como os periódicos, são uma memória do país, consideramos que o estudo da história seja de suma importância para entender, como ocorreu todo o processo até chegarmos aos dias atuais.

## REFERÊNCIAS

BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (org.). **Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Unesp, 2010.

CAMPELLO, Bernadete (org.); CALDEIRA, Paulo da Terra (org.). **Introdução às fontes de informação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CARVALHO, Kátia. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. **Ciência da informação**. Brasília, v. 25, n. 3, p. 1-6. 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/469/428>>. Acesso em: 8 dez. 2011

IPANEMA, Marcelo de; IPANEMA, Cybelle de. **A tipografia na Bahia: documentos sobre suas origens e o empresário Silva Serva**. Rio de Janeiro: Instituto de Comunicação Ipanema, 1977.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A leitura rarefeita: leitura e livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.

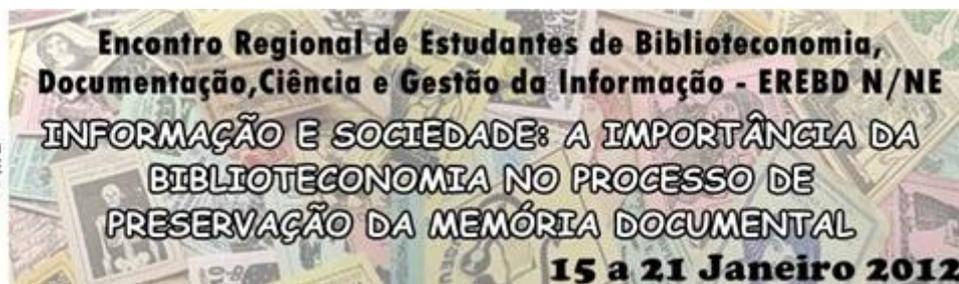
MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MELLO, Janaina Cardoso de. A cultura política oitocentista na época Joanina entre a Gazeta do Rio de Janeiro, o Correio Braziliense e a Idade D' Ouro do Brasil. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**. Bahia, v. 3, n.1, p. 79-89. 2009. Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br/reconcavos/edicoes/n03/pdf/Janaina.pdf>>. Acessado em: 8 dez. 2011.

MELO, José Marques de. **Sociologia da imprensa brasileira**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1973.

MORAES, Rubens Borba de. **Bibliófilo aprendiz**. Rio de Janeiro: Briquet de Lemos, 2005.

\_\_\_\_\_. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006.



\_\_\_\_\_. **Livros e bibliotecas no Brasil colonial.** Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1979. 234p.

MOURA, Carlos Francisco (Coord.). **Relação de obras publicadas no período joanino pertencentes à biblioteca do real gabinete português de leitura.** Rio de Janeiro: Real Gabinete Português de Leitura, 2008.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2007.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **A primeira gazeta da Bahia: Idade d' Ouro do Brasil.** São Paulo: Cultrix, 1978.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. A imprensa periódica na época joanina. In. NEVES, Lúcia Maria Bastos P. Das. **Livros e impressos: retratos dos setecentos e dos oitocentos.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010, p. 16-30.